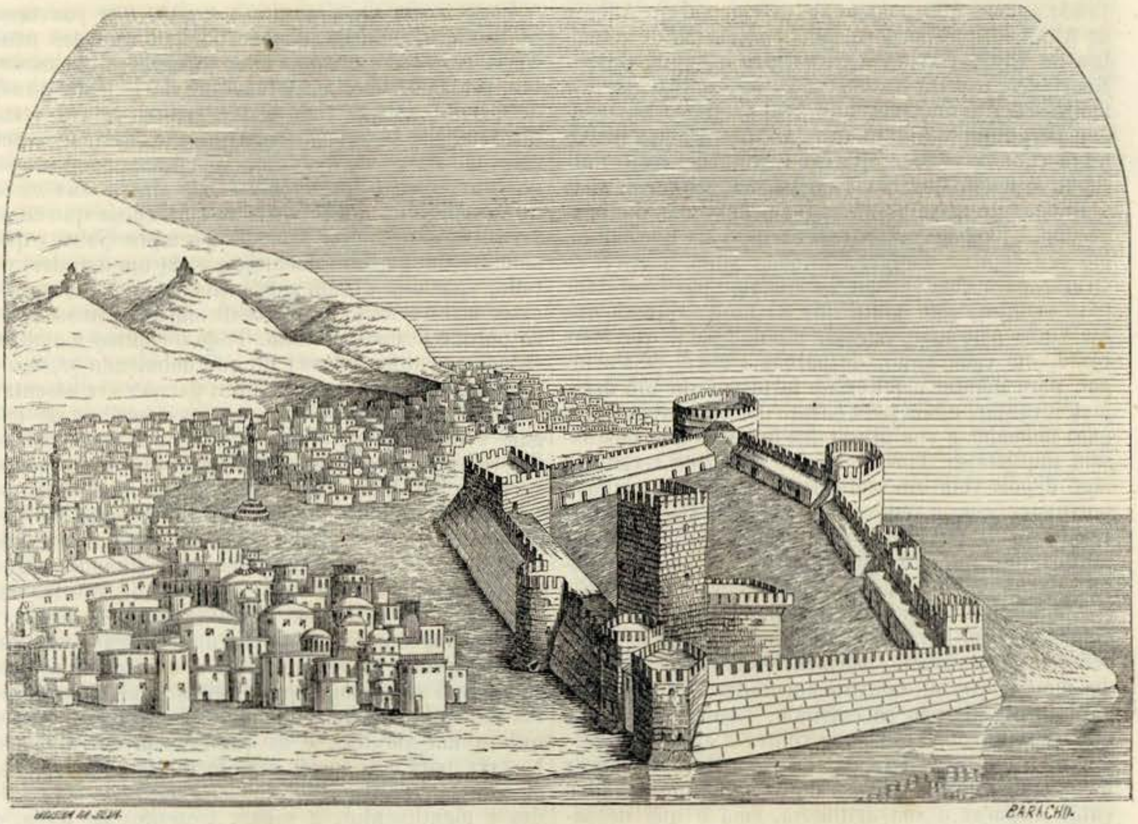


Vista da cidade de Ormuz

« Se o mundo fosse um ovo, Ormuz seria a gèmma. »

DICTADO ARABE

Foi por causa da conquista d'este famoso reino da Persia, que o grande Affonso de Albuquerque *ficou mal com el-rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor del-rei.*

Nove annos, de cuidados, de pelejas e trabalhos, gastou elle n'esta conquista, porque desde o primeiro accommettimento em 1507 até ao ajuste das pazes em 1515, nunca levantou o pensamento, e poucas vezes a mão, d'esta arduissima empreza.

Para dar a Portugal o senhorio dos mares da India, se apoderou elle dos dois estreitos do mar Roxo e do mar Persico, que eram a entrada e a saída das naus mahometanas que n'aquellas paragens commerciavam.

Ormuz, tão nomeada por todo o mundo, como o mais celebre emporio e escala d'elle » [1], onde concorriam todas as mercadorias orientaes e occidentaes, situada na garganta do mar da Persia, foi o ponto escolhido por Affonso de Albuquerque para levantar feitoria e fortaleza onde tremulasse a bandeira portugueza.

Ouçamos a descripção que d'esta ilha faz um dos que tomaram parte na sua conquista. Falla Gaspar Corrêa, que se avantaja sempre a Barros, Couto e Castanheda.

«A ilha de Ormuz é feita em tres pontas, e terá em roda quinze legoas. É toda pedra viva escalvada, sem nenhum arvoredo, sómente arvores de espinhos sem folhas, e a terra em si é salgada, e por algumas partes corre agua que se torna em sal mui forte, mais que o sal de marinhas. Tem esta ilha ao redor muitos rios e portos, onde correm todas as mercadorias do mundo; mas porque o mar tem baixos e pouca agua ao longo dos portos, e lá não podem chegar naus para carregar, vem todas portar a Ormuz, onde trocam umas mercadorias por outras; com o qual trato tão grande se fez esta cidade de Ormuz, que commummente, entre as gentes, a India é annel, e a pedra é Ormuz.

E de tão grande trato, que a alfandega rendia cada anno a el-rei passante de quinhentos mil xerafins, e tão nobre, e abundada de todos os mantimentos, que dez mil homens podem comer do que se cozinha na praça. Eu vi com meus olhos, ao tempo que fizemos a fortaleza, que foi no anno de 507, ruas que de cada parte tinham mais de vinte boticas [1], em que se fazia malcozinhado, e pelas portas havia tachos e bacias largas em que estava arroz cozido e carneiros inteiros assados, e feitas outras invenções de comeres, tudo tão limpo e perfeito que mais não podia ser, e em tanta abundancia, que já digo, podiam comer dez mil homens. Vi rua em que estavam os mercadores que tinham aljofar a vender, apartadas as sortes, deitado sobre pannos vermelhos, que valia mais de cem mil cruzados; e outras grandezas vi na cidade de que muito podia escrever, porque o vi, o que deixo de fazer porque meu intento não é senão tratar dos feitos dos portuguezes.

Em toda a ilha de Ormuz não ha nenhuma agua para beber, e toda trazem da terra firme, e trazem tanta, que por todas as ruas da cidade ha casas que ás portas vendem agua em muitos pucaros e talhinhas como na ribeira de Lisboa. E tantas grande-

[1] Barros. Dec. 2, l. 2. cap. 4.

[1] Lojas de venda.

zas tinha a cidade de Ormuz, que com muita razão se chamava pedra de annel.»

Digamos agora como ella foi tomada.

Com uma armada de seis naus e uma fusta, levando apenas 460 homens de peleja, surgiu Affonso de Albuquerque no porto de Ormuz a 28 de setembro de 1507. Enviou logo a terra o lingua Gaspar Rodrigues, a pedir audiencia ao rei, o qual por um moiro «muito auctorisado e bem vestido» lhe mandou perguntar o que queria. Ao que Affonso de Albuquerque respondeu, que era vassallo del-rei de Portugal, o maior que havia no mundo, senhor de toda a India, que quantos navegavam pelo mar lhe obedeciam, e lhe pagavam páreas e tributos, e que elle como seu capitão d'aquella armada vinha a el-rei de Ormuz para com sua alteza assentar paz e amizade para sempre, com tanto que da muita riqueza que lhe vinha pelo mar, pagasse alguma parte que fosse razão, em cada anno, de páreas a el-rei de Portugal, para manter a feitoria e fortaleza que alli desejava levantar, assim para o trato do commercio, como para defender a sua alteza dos inimigos que buscassem inquietal-o. Foi-se o moiro com este recado, e logo depois veiu um mercador armenio, que fallava portuguez, com a réplica, de que ser o rei de Ormuz tributario ao de Portugal, era coisa para se cuidar muitos dias, que passados elles viria a resposta. Voltou dias depois o armenio a pedir novo adiamento.

Affonso de Albuquerque desconfiou logo que tantas delongas eram para dar tempo aos de terra se aperceberem para resistir, mórmente vendo que nas naus dos moiros, que alli estavam ancoradas, se trabalhava surdamente. E não se enganou, porque um dia de manhã cedo romperam fogo contra a armada portugueza, e muitos barcos de remos surdiram a lançar nuvens de frechas. Affonso de Albuquerque mandou então disparar a sua artilheria, com o que desbaratou e incendiou toda a frota do rei de Ormuz, e depois começou a esbombardear a cidade, e desembarcando parte da gente de guerra, poz fogo ás casas que se estendiam ao longo da praia. Vendo tal destroço, o rei mandou então o armenio pedir paz. Acceitou-a Affonso de Albuquerque embarcando-se com toda a sua gente, despedindo antes o armenio para que fosse dizer ao rei — mandasse logo mil xerafins que el-rei seu senhor havia gastado n'aquella armada; e désse obediencia a el-rei de Portugal pondo a bandeira portugueza sobre seu palacio, e que então fallariam no mais que havia de ser.

Não tardou o armenio com o dinheiro, *em saquinhos*, dizendo que a cidade era del-rei de Portugal, e o soberano de Ormuz seu vassallo para lhe pagar quanto quizesse; e a bandeira que a mandasse, que seria posta por sua mão onde o capitão-mór da armada ordenasse.

Affonso de Albuquerque, acceitando o dinheiro e a palavra de obediencia, mandou, pelo dito mensageiro, dizer a el-rei de Ormuz que se fizesse prestes, com toda a gente da cidade e seus regedores, para receber a bandeira de el-rei de Portugal, que era o signal de vassallagem, e que a visse o povo todo para d'isto ser sabedor.

Ao outro dia mandou Affonso de Albuquerque cortar uma bandeira de damasco branco e carmesim, e n'ella recortadas as quinas, com escudo e corôa de tafetá azul e amarello, tendo uma braça quadrada, e cordões azues e brancos, posta n'um pique com ferro estanhado. Esta levou Jorge Barreto no batel da capitania, com acompanhamento de muitos fidalgos *e pessoas honradas*, todos vestidos de gala, tangendo as trombetas, salvando as naus na sua passagem para terra, onde estavam os magnates do reino a cavallo, e muito povo que acompanhou a bandeira pela rua principal da cidade, até ao paço, e ahi o rei, á porta da sala, a recebeu e levou ao terrado, onde a poz por sua mão, o que visto das naus, lhe deram uma salva de artilheria, e todo o povo da terra soltou muitas acclamações.

Logo n'esse dia á tarde, o capitão-mór convocou os capitães, com os homens fidalgos que nas naus havia para isso, e com todos, assentados em conselho, praticou sobre as páreas que devia pedir ao rei de Ormuz, porque tudo o que pedisse estava certo que com elle assentaria; mas que elle queria assentar coisa tão arrezoada que nunca a podesse engeitar nem quebrar; com o qual tributo elle tiraria sua carta de vassallagem, e assentaria as mais coisas que cumprisse, para tudo ficar firme para sempre. Sobre o que se moveram grandes debates, e cada um mui desvairado, que uns diziam que pedisse muito porque ficasse mal duvidoso, e outros diziam que pedisse pouco porque ficasse mal feito. Tudo o capitão-mór bem entendia e dissimulava; no que debatendo-se, muito, o capitão-mór disse que seu parecer era assentar isto em pouca coisa, porque fosse melhor de pagar, e que não parecesse rasgar, e o assento que fizesse seria com resguardo que el-rei ou o seu governador da India houvesse por bem pedir-lhe outras coisas que valessem o dobro. Pelo que lhe parecia que era justo que pagasse quinze mil xerafins cada anno de páreas, em dinheiro de contado, e que as mercadorias del-rei, que o feitor alli tratasse em compra e venda, fossem livres de todos os direitos: que as mercadorias de portuguezes, se alli viessem tratar, fossem livres de direito á entrada, e as que tirassem á saída pagassem direitos. Que estes direitos em cada um anno podiam valer mais de outros quinze mil xerafins, e os que dessem em dinheiro bastava para alli suster uma fortaleza com capitão, officiaes, e quatrocentos homens pagos de seus soldos e mantimentos, a saber: trezentos na terra, e cento em armada do mar. O que por todos ouvido, não confiaram que se havia de assentar como pintava o capitão-mór, pelo que disseram que lhes parecia bem. Do que o capitão mandou a João Estão que fizesse auto, em que todos assignaram.

Com isto assim assentado, presentes todos, disse a Francisco de Tavora que lhe pedia por mercê fosse a terra fazer este assento com el-rei, com os apontamentos que lhe daria; o que Francisco de Tavora acceitou com boa vontade, porque sabia que ninguem folgava com o bem do capitão-mór tanto como elle. E disse ao capitão-mór, que por serviço del-rei faria mui inteiramente o que lhe mandasse. Então o capitão-mór lhe deu os apontamentos, com que se foi a terra no seu batel com o feitor, e Gaspar Rodrigues, o lingua, onde chegando a terra, e dito a el-rei que vinha um capitão, el-rei o mandou receber, e veiu á porta Raez Nordim, que o levou ante el-rei, que lhe fez muita honra, e o fez assentar junto de Coge Atar e Raez Nordim, e o seu guazil-mór, e todos os do conselho; onde Francisco de Tavora disse a el-rei que lhe trazia recado do capitão-mór, que o daria que todos o ouvissem. Disse el-rei que folgava muito que fallasse o que lhe era mandado. Então Francisco de Tavora disse: «Coge Atar, e tu Raez Nordim, porque sois cabeças e regedores d'este reino, e sois tão sisudos e bons homens, o que fizerdes tudo será bem feito, e firme para sempre. E porque el-rei Ceifadim, que presente está, tem obediencia a el-rei de Portugal, senhor dos mares e das Indias, por assim ser seu vassallo, elle lhe ha de ajudar a guardar e defender esta cidade e todos seus portos, de quem lhe quizer fazer mal, como verdadeiro amigo; e para esta guarda melhor poder fazer, n'esta cidade terá uma fortaleza com gente e armada no mar, com que sejam francos quantos mercadores vierem para esta cidade com suas naus. A qual fortaleza, com ca-

pitão e gente que n'ella estará, e com a armada no mar, tudo será pago com quinze mil xerafins cada anno. E não quer que mais pagues de páreas em cada um anno; do que farás carta a el-rei de Portugal; e que as mercadorias que o feitor del-rei aqui comprar e vender, serão livres de direitos; e que as fazendas dos portuguezes serão livres de direitos á entrada sómente. E esta liberdade folgasse de lhe dar, porque todos quantos viessem a Ormuz, todos o haviam de servir, e morrer por seu serviço, como por el-rei seu senhor. E isto te manda notificar que o faças, se fores muito contente, e por tua vontade, e que sobre isto tomes muito bom conselho com os teus, e se fores contente d'isto, lhe faças carta, por ti assignada, com os teus regedores e do teu conselho, com obrigação de tudo cumprires, tu, e os que de ti descenderem. Aqui n'este papel está tudo escripto, e assignado pelo capitão-mór, que assim tudo cumprirá como te diz; o que tudo te fica. E tambem alli ficava o escrivão para fazer a carta do capitão-mór, se elle fizesse a sua, porque já João Estão levava as minutas de como havia de fazer as cartas, que lh'as dera o capitão-mór. » Como que Francisco de Tavora se despediu, e se tornou, e Coge Atar lhe disse que tudo se faria assim como queria o capitão-mór, que fazia toda boa razão.

Ficou el-rei com os seus mui contentes, vendo o pouco que o capitão-mór pedia, porque tudo aquillo, e muito mais, se gastaria trazendo alli armada; com que havidos muitos conselhos, concordaram que tudo assim fosse assentado, e logo as cartas foram feitas antes que se passasse mais nada. Então se fez a carta del-rei em uma folha de pasta de oiro, enrolada como pergaminho, e n'ella riscadas as letras em lingua persia, que era a natural da terra, em que o rei assignou, e os regedores, e quatro principaes do reino: e a carta do capitão-mór foi feita em papel branco da Persia, grosso, muito branco, escripto com letras doiradas, uma em portuguez e outra em persio.[1] O que tudo foi feito até o outro dia ao meio dia, ao que João Estão veiu da terra, e deu conta ao capitão-mór de tudo o que era feito, e que el-rei ficava esperando que fossem pelas cartas, ou se não que as mandaria trazer.

Affonso de Albuquerque mandou a terra quatro capitães para receberem as cartas da mão del-rei, e que o vissem assignar, e lhe perguntassem se o fazia de sua vontade. O rei assignou com os regedores, e juraram todos no seu moçafo[2] de que o cumpririam para sempre. Antes de os despedir, deu o rei a cada um dos capitães uma peça de brocado da Persia e seis pannos de seda ricos.

Assentadas as pazes, tratou logo Albuquerque de dar começo á fortaleza; e d'aqui datam os seus maiores desgostos, as dissidencias, prisões e execuções que houve na sua armada; e depois as queixas que o malquistaram com el-rei D. Manuel.

Como todos estavam cançados de tanto batalhar, e a obra da fortaleza tinha seus riscos e muita demora, elles, que queriam ir para Goa ou voltar ao reino, oppunham-se de palavra e por via de requerimentos a que fizesse tal fortaleza, allegando que o reconhecimento da vassallagem e o pagamento das páreas era assaz para se retirarem contentes. Mas Affonso de Albuquerque, como era mui cioso da sua auctoridade e obstinado nos seus propositos, não só desattendeu os requerimentos que lhe foram feitos, mas, de palavras pesadas com que a alguns dos seus capitães respondia, passou a fazer-lhes violencias, a ponto de lançar a mão ás barbas de João de Nova, que as trazia compridas, arrancando-lhe alguns cabellos, que deitou no chão quando o largou. « João de Nova, diz Gaspar Corrêa, apanhou os cabellos, e os atou no lenço, e com muitas lagrimas lhe disse: Isto que vós me fazeis, Tristão da Cunha m'o pagará; e vos prometto que no publico do conselho del-rei me queixe d'elle, e me pague esta injuria que me fizestes em me arrancardes minhas barbas. Affonso de Albuquerque lhe disse: Tudo o que vos julgarem pagarei; nem inda que vos arrancára essas que vos ficam, nem por isso temêra que me haviam de cortar a cabeça. »

E sem mais consultas, chamou João de Flandres, bombardeiro, que era bom mestre d'obras, e lhe assignou por onde abrisse os alicerces da torre de menagem. E a 6 de outubro de 1507 se abriu o alicerce; e Affonso de Albuquerque em pessoa, tomou nas mãos a primeira pedra e a assentou na esquina da entrada da torre, dizendo: Em nome de Jesu Christo e de sua santa madre, Nossa Senhora da Victoria, que nos sempre dê contra os inimigos da fé do seu bento filho. O que repetiram todos os capitães e fidalgos, tangendo as trombetas. E assim foi posto o nome á fortaleza.

Durante a obra continuaram as desavenças, a ponto de fugirem alguns portuguezes para os moiros, e sobre a entrega d'elles houve tal repugnancia da parte do regedor da cidade, que se quebraram as pazes; até que Affonso de Albuquerque, abalando-lhe algumas naus sem sua licença, teve de se retirar de Ormuz.

Alli voltou, porém, em 1515, quando o rei de novo acclamado lhe mandou a Goa pedir que queria renovar as pazes.

Tinham os barbaros desfeito grande parte da obra, pelo que houve o Albuquerque de a refazer e ampliar. Eis o que a este respeito diz Gaspar Corrêa:

E logo ordenou metter-se no trabalho do fazimento da fortaleza. Repartiu os bateis, que cada dia fossem cinco carregar de pedra e descarregal-a na praia; e gente da terra, que era bem paga pelo feitor, arrancava a pedra, no que davam muito aviamento. E ordenou dois navios que andassem ao carreto da pedra de gesso, a qual coziam em fornos como cal, e era pisada e feita em pó. Assentada a pedra na parede em secco, o pó, em bacias feito em polme, deitavam por entre as pedras, que logo em continente seccava, ficando tão forte que se cortava com picões.

Repartiu mestres pedreiros a medir os alicerces que logo se começaram a abrir, de que o governador fez concerto com os capitães e gente da ordenança, que abrissem os alicerces, e de noite vigiassem a quartos, e não fizessem outro nenhum trabalho. No que seus capitães se ordenaram e repartiram ao trabalho, que lhes vinha de cinco em cinco dias. E porque muitos alicerces haviam de ser dentro n'agua, eram feitos com um barro pisado, peneirado e cozido, o qual posto na obra, a agua do mar não o desfazia, mas ficava como propria pedra.

Tendo todas estas pertenças juntas em grande quantidade, e o primeiro lanço do alicerce aberto, aos tres dias de maio, dia de Santa Cruz, o governador tomou a enxada nas mãos, e D. Garcia, e os capitães, acabando o padre de cantar a oração da invocação de Santa Cruz, o primeiro foi o governador que começou a cavar, e os outros capitães com elle. Cavaram um pouco, e então entraram os trabalhadores que abriram todo o lanço. E querendo assentar pedra, que foi aos seis dias do mez, depois de os padres rezarem orações, e deitarem bençãos e agua benta, o governador, Affonso de Albuquerque, deitou um panno sobre os hombros, em que lhe puze-

[1] Ambas estas cartas mandou Affonso de Albuquerque, mettidas em caixas de prata, a el-rei D. Manuel, as quaes devem estar na torre do Tombo (a não haver descuido em deixar perder uma antiguidade como esta digna de muita memoria). Isto dizia em 1557 o filho do grande Affonso de Albuquerque nos *Commentarios*, part. I. pag. 88.

[2] Alcorão.

ram uma pedra que levou abaixo ao alicerce, e com suas mãos assentou onde os mestres lhe disseram, debaixo da qual elle metteu com sua mão cinco portuguezes de oiro [1]. E logo D. Garcia, e os outros capitães, cada um trouxe pedras ás costas, que assentaram onde lhe mandavam. Então o governador repartiu os capitães com suas gentes, e com os malabares e canarís, em doze quadrilhas, que cada dia trabalhassem duas, para que caísse um dia de trabalho de cinco em cinco dias, que seriam trezentos homens portuguezes, malabares e canarís, que seu trabalho era trazerem á obra o barro e gesso, e os malabares e canarís acarretar a pedra. E porque nos alicerces se gastava muita pedra, mandou que os mestres nos bateis, com as bragas das galés, dessem um caminho de pedra de dia, e os contramestres com os marinheiros e grumetes, dessem outro caminho de noite, com que nunca houve falta de pedra. E o dia que os capitães não trabalhavam estavam presentes na obra, com seus pagens com lanças e adagas.

E a primeira obra que se levantou foram dois cubellos na travéssa da praia, entre os quaes ficou a porta assim na praia, com seu alçapão, e em cima torre de guarita para defensão da porta; e um d'estes cubellos ficou fundado dentro no mar, em que de baixamar a grã pressa se abriu o alicerce; e foi oitavado e largo, sobradado. Onde logo se armou altar, e foi feita egreja da invocação de Nossa Senhora da Conceição, que assim o mandára el-rei D. Manuel, *e para isso mandára um sino que tomou da Conceição de Lisboa, que tinha derredor os doze apostolos doirados, que este foi o primeiro sino que se poz na Conceição de Lisboa.*

D'este cubello correu um panno de muro ao longo da praia, todo fundado dentro no mar, de que o alicerce e a parede até sobre agua era feito de barro, e d'ahi para cima feito com gesso, e o muro de doze pés de largo. Os capitães disseram ao governador que eram fracos, que deviam de ser mais grossos. Elle respondeu: «Estes assim como vêdes, se os guardarem com verdade e sem tyrannia, são tão fortes que sobejam; mas se n'estas terras se não guardar verdade e humanidade, a soberba nos derrubará quantos muros tivermos, por mais fortes que sejam. Portugal é muito pobre, e os pobres cubiçosos se converterão em tyrannos. As coisas da India fazem grandes fumos: hei medo que pelo tempo em diante o nome que agora temos de guerreiros se torne em tyrannos cubiçosos.» [2]

No cabo d'este muro para a ponta se fez outro cubello forte; e atravessando a ponta se fez uma torre quadrada, debaixo da qual ficou um postigo para serviço da ponta, de que logo fizeram adro para a gente que morria, que enterrado na areia em só dois dias se comia um corpo, que era coisa de espanto. E d'esta torre do postigo correu o muro até ao mar, em que se fez um cubello redondo ao pé, e em cima oitavado, com grossos tiros, que corriam ao longo da praia da outra banda da cidade, e d'este cubello fez volta ao muro para dentro da cidade, em que a fortaleza fazia quadra, e no meio se fez outra torre quadrada para aposento do alcaide-mór, e no cabo d'este muro uma torre oitavada, mui forte, porque ficava no amago da cidade; e se fez tão alta, que do sobrado descobria toda a cidade. D'esta torre corria um muro direito a entestar no cubello da porta, e no meio d'este muro, que ficava fronteiro ás casas del-rei, foi feito outro cubello forte. O governador corria com o abrir dos alicerces, e os encher de pedra e barro até sobre terra, em que n'estes alicerces da banda da terra se achavam alicerces velhos, que davam tanto trabalho aos desfazer como se foram de pedra viva, porque eram feitos de barro. Como se fazia toda a obra á roda, o trabalho da gente era mui grande, e tanto que as bombardeiras eram cerradas logo n'ellas se assentava a artilheria que cumpria, de que tinha cargo o condestavel da fortaleza, que o governador fez com trinta bombardeiros. E porque o governador sempre andava na obra, a gente trabalhava com muita vontade, d'alli mandava trazer almoços e merendas, com muito pão de trigo bom, que os moiros faziam como bolos, e uvas e figos, mangas e tamaras maduras, e isto em abundancia para todos os que trabalhavam. Ao que el-rei tambem fazia grande ajuda com grandes cestos de frutas, que o governador com seu olho repartia por todos.

E porque assim o trabalho era grande, e grandes as calmas, adoecia a gente, e morria muita. Mórmente os malabares, que por sua natureza se lavavam muitas vezes, e porque Ormuz não tinha agua, adoeciam de sarna de que morriam, e os portuguezes de febres; sobre o que foi dito ao governador que os physicos não visitavam os doentes como era razão, e lhe pediam dinheiro. E porque elles tinham ordenado del-rei para graciosamente curar os doentes, o governador os mandou chamar todos, e lhes perguntou porque razão lhe morria tanta gente; e elles lhe deram muitas razões, a que o governador lhes respondeu: «Vós levaes ordenados de physicos, e não sabeis conhecer a doença dos homens que servem el-rei nosso senhor? E pois assim é, eu vos quero ensinar de que doença morrem.» Mandou-lhes carregar ás costas grandes pedras, e que as levassem acima do muro, onde os fez trabalhar todo o dia até á noite. Então lhes disse: «Os que escreveram os livros das medicinas, por que vós aprendestes a levar dinheiro, não souberam da doença do trabalho; e pois vol-o hoje ensinei, d'aqui em diante curae a gente d'esta doença, e dae-lhe do vosso dinheiro, que ganhaes folgando. E isto vos encommendo como amigos, porque vos não queria ver mettidos a banco n'aquellas galés.» Com o qual assombramento nunca mais pediram dinheiro aos doentes.

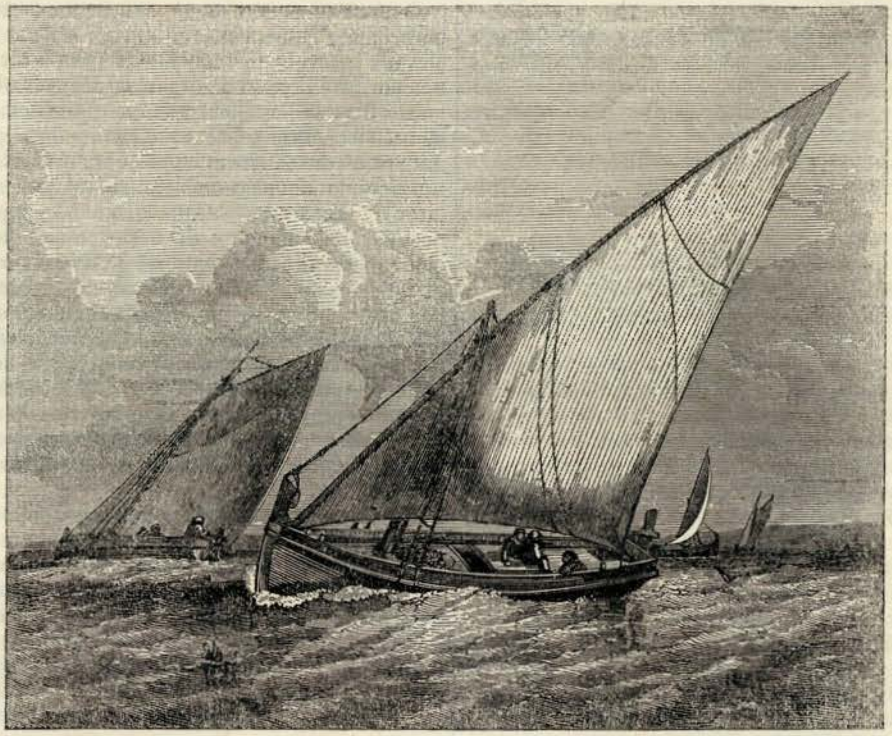
Durando o trabalho da obra, o governador mandou no bazar da cidade fazer uma picota sobre um mastro com muitos degraus derredor, e no mastro postas argolas e ganchos para enforcar, e um cepo, preso por cadeia, para cortar n'elle mãos e cabeças. O que sendo acabado, o governador, de noite, com poucos homens o foi ver, e chegando a ella poz os joelhos no primeiro degrau, e com o barrete na mão, disse: «Deus te salve para sempre, e accrescente em verdade, vara da real justiça del-rei nosso senhor, por Deus querida e amada para punição dos maus, conservação e guarda dos bons que pouco podem!» E se tornou á fortaleza, e mandou dizer a el-rei que os malfeitores mandasse castigar n'aquella picota que estava no bazar, para que todos vissem e houvessem medo. Com o que el-rei muito folgou, e assim o mandou fazer.

Como a fortaleza foi cerrada toda em roda, altura de dois homens, mandou o governador trabalhar na torre de menagem, que ficou logo junto da porta da fortaleza, e foi alevantada em outro sobrado mui alto, que ficava o terrado de cima por cima das casas del-rei; e em cima mandou fazer uma casinha para a polvora, e em cima se fez campanario, em que se poz o sino que já disse. Então fez capitão da fortaleza a Pero de Albuquerque, e Jorge da Silva alcaide-mór, e Manuel da Costa feitor, e fez almoxarife do armazem João de Bryones, e alcaide do mar Diogo Espinel, que trazia doze peães canarís com lanças, e a que deu grande aviso na via das coisas da cidade, no que o meirinho tinha muito cuidado.

[1] Moeda cunhada por el-rei D. Manoel, que n'este tempo valia 4000 rs.
[2] Foram palavras propheticas!

Quando vinham as terradas [1] com agua da terra firme, que trazem em tanques, e na praia a descarregam em jarras pequenas, os moiros, em a trazendo para terra, com a mão lhe deitavam dentro agua do mar para as acabar de encher, com que a agua ficava salôbra e causava mal á gente. A estes, como n'isto eram achados, lhe pregavam uma mão na picota, onde estavam até noite; com o que já não faziam tal engano ao povo.

O governador, quando começou a fortaleza, mandou dizer a el-rei de Ormuz que mandasse a seus correctores, que lhe vendessem umas drogas, e pimenta, e mercadorias que trouxera para vender. Do que el-rei mandou recado ao guazil, o qual logo repartiu as fazendas pelos mercadores principaes da cidade, as quaes D. Garcia tinha nas suas casas, e disse ao guazil que a elle trouxessem o pagamento, o que elle assim fez. A fazenda toda valia até vinte mil xerafins; mas D. Garcia a carregou em taes preços que fez n'ellas mais de oitenta mil pardáos, que lhe o governador deixou na mão em pagamento de seus vencimentos; com que lhe pediu licença para se ir á India, a fazer coisas que lhe cumpriam, chegando as naus do reino. O governador entendeu que sería para fazer alguns empregos, e lhe deu licença que se fosse na nau Belem que estava a quatro bombas, na qual D. Garcia mandou embarcar os homens muito doentes, e assim tambem todos os reis de Ormuz cegos [1]; isto a rogo delrei de Ormuz, para que a cidade estivesse mais pacifica, e elle fóra de seus requerimentos. Aos quaes, para cada um, el-rei deu despeza para cada anno, que entregaria ao feitor de Ormuz, para que o mandasse a Goa. O que tudo o governador metteu em muito bom regimento, com que todos foram em Goa repairados até que morreram. E tambem com elle



Bote d'agua acima

mandou embarcar Miguel Ferreira, a que deu um bacio e gomil de oiro que levasse a el-rei de Portugal, e lhe fosse dar conta do que passára na Persia. Mas elle, chegando a Goa, se desaveu com D. Garcia, pelo que este lhe tomou as peças, e não quiz as levasse a el-rei.

(Continúa)

1 Barcos de vela e remo, mui ligeiros.

1 Depois aclararemos este ponto.

MARINHA DO TEJO

(Vid. pag. 261)

BOTE D'AGUA ACIMA

III

Todos os barcos que navegam no Tejo pagam um imposto á camara municipal de Lisboa, chamado do *Tragamalho*, imposição antiquissima, e tanto que se lhe perdeu já a etymologia, sem que os esmerilhadores de antigualhas tenham até agora podido atinar com a derivação d'este nome.

A camara, em consulta de 28 de junho de 1852, propoz ao governo um formulario do que deviam pagar todas as embarcações que navegassem no rio de Lisboa, ou viessem a seus portos, o qual foi approvado pela regia resolução de 17 de setembro do mesmo anno.

Eil-o aqui, como parte integrante da historia d'esta marinha do Tejo.

De cada viagem que fazem a esta cidade os barcos de Villa-Nova, pagam 200 rs.

De cada viagem que fazem os barcos de Abrantes, Punhete, Tancos, Barquinha, Chamusca, Azambuja, Azinhaga, Santarem, Escaropim, Salvaterra, Porto de Muge, Virtudes, Samora, e Benavente, 150 rs.

De cada viagem que fazem os barcos de Povos, Villa-Franca, Alhandra, Alverca, Póvoa, Sacavem, e Friellas, 100 rs.

Os barcos de Abrantes, Punhete, Tancos, Barquinha, Chamusca e Azinhaga, pagam além de 150 rs. acima referidos, mais, de uma avença muito antiga, a que chamam «cabo de anno», pelas viagens que fazem aos portos do termo até Paço d'Arcos, 1:000 réis.

Todas as embarcações dos portos acima declara-

dos, que fazem viagens de verão, que vem a ser: conduzir palha ou fruta para esta cidade, o qual verão principia desde o dia de S. Pedro até á feira de Villa-Franca; não pagam n'este tempo por viagens, mas sim por avença, que vem ser:

Cada barco, 4:000 rs.

Cada bateira ou lancha, 3:000 rs.

Cada batel, 2:000 rs.

Os barcos do Samouco, Alcochete, Aldea-Gallega, Moita, Lavradio, Alhos-Vedros, Barreiro, Aldea de Pae Pires, Seixal, Cacilhas, Porto Brandão, Trafaria, Coina, Cascaes, e Paço d'Arcos, pagam por ajuste.

As falúas, pagam 1:400 rs. por anno.

As falúas que andam nas carreiras para Cacilhas, 2:000 rs.

Os barcos de Moios, 1:200 rs.

As fragatas, 1:000 rs.

Os botes, a 960 e 800 rs., conforme a sua grandeza.

Os barcos chamados *d'agua a cima*, cuja fórma a nossa estampa representa, pertencem ao terceiro ramo d'esta tabella.

DOIS RETRATOS HISTORICOS

(LENDA HESPANHOLA)

> «Eu fui, senhor, disse Francisco de Borja grande peccador na mocidade, e dei muito mau exemplo ao mundo.»
>
> FR. PRUDENCIO SANDOVAL

I

Distante poucas horas de Placencia, nome que em latim significa gozar, e se deriva da formosura d'aquellas paragens queridas da natureza, se elevava, dominando virente campina e florido jardim, pelos annos de Christo 1557, um soberbo mosteiro de monges de S. Jeronimo.

Era uma d'essas manhãs em que a côr diaphana do ceo deixa vêr novos horisontes á limitada vista dos mortaes, em quanto a elasticidade do ar, perfumado e tibio, lhes faz ouvir melhor os augustos rumorejos da solidão: manhãs tranquillas como o placido arroio, em que o dia de hontem se vê claro atravez das ondas da existencia, e se penetra com a memoria no lodoso fundo do passado; manhãs em que choram os anciãos, não sabemos se de tristeza, porque se lembram da primavera da vida, se de jubilo e amor de Deus, vendo que vivem em mundo tão formoso; manhãs em que mais amam os peitos namorados, e mais crêem as almas fieis ao Altissimo; em que choram insensivelmente os tristes e não amados, e se encontram mais sós os orphãos e peregrinos; manhãs em que o coração do homem se distanceia ao mesmo tempo do ceo e da terra, e que trazem á alma, vivas e melancolicas, as recordações dos entes queridos que a morte lhe arrebatou.

Tal foi aquella manhã, passada ha já tres seculos.

Pela volta das onze horas brilhava o sol tão alegremente na fachada do mosteiro; cantavam as avesinhas com tão doce tranquillidade; parecia, em fim, tão feliz todo o ser, que ninguem teria passado por aquelles logares sem invejar a pacifica existencia dos frades Jeronimos, e sentir um vago desejo de abandonar para sempre as coisas do mundo, tão agitadas e revoltas n'aquella epocha.

Taes deviam ser os pensamentos de dois personagens que, perto de uma janella ao sul do edificio, havia meia hora que não proferiam uma palavra sequer: tão engolphados estavam na contemplação d'aquella amena campina.

Nenhum dos dois personagens usava o habito da ordem, apesar de se encontrarem n'uma cella do mosteiro. Um d'elles vestia a loba negra talar que é commum aos nossos sacerdotes; e o outro trajava de preto, sem esporas, armas, ou outro qualquer signal que podesse dar a conhecer a sua condição no mundo.

O ecclesiastico tinha quarenta e seis annos, mas apparentava muitos mais. Não lhe moldeis a cabeça pelo grosseiro typo dos freires ou guerreiros que nos legou aquella geração; era uma cabeça formosa, trabalhada por uma existencia mudavel e desgraçada, brunida pela dor, illuminada pela reflexão e pelo estudo; uma cabeça meio grisalha e meio calva, sulcada de profundas rugas e cruzada por grandes traços proeminentes, symbolo da força e magnanimidade, os quaes podiam passar, aos olhos de quem conhecesse a vida d'aquelle homem, pelas bridas com que uma energica vontade continha violentas paixões.

O secular mostrava ter cincoenta e seis annos; parecia um homem decrepito sem ser ancião. A sua elevada estatura inclinava-se já para a terra, não só um por leve defeito de organisação, mas abatida por largos dias de pesados trabalhos. Conhecia-se, á primeira vista, que sobre aquelles hombros pesára um mundo material, assim como sobre a fronte do outro um mundo de pensamentos. Este homem, de tão humilde apparencia, tinha o olhar ferino e altivo, peculiar das aguias e de certas raças identificadas com o poderio pelo costume de o exercer. A barba grisalha occultava-lhe a bocca sem dentes, sumida por este motivo, e pela rara configuração das mandibulas; a cabeça despovoada, parecia dobrar-se a um afrouxamento não commum para aquelle seculo, que ainda conservava a tradição do typo hespanhol. Este homem era estrangeiro.

Dissemos que os dois personagens haviam deixado correr meia hora de silencio e de meditação na janella do convento.

Havia muito que o das vestes negras seguia com a vista uma aguia que percorrêra todo o horisonte, que dominára todas as alturas, e invadíra mais de uma vez as regiões do ar a que apenas alcançava a vista do homem. Quando a rainha das aves passou, em fim, o ultimo cume e desapparecêra n'outro horisonte, o que a estivera observando deu um suspiro, como quem termina penosa tarefa, e disse ao companheiro:

— Acredito, irmão Francisco, que morrerei brevemente.

— Senhor... — murmurou o outro, não sem estremecer.

— Não ha outro Senhor, senão o do ceo e da terra — interrompeu o da barba grisalha. Chamae-me irmão. Ai, — continuou sem dar tempo á replica do ecclesiastico, — que pequeno me vi no dia em que deixei o mundo dos homens! Lembras-te de 1542?

— Lembro-me, — respondeu o padre Francisco.

— Estavamos em Monção e marchavamos em soccorro de Perpinhão... Ha quinze annos! Tu e eu, vestidos de ferro, cheios de mocidade e energia, sonhavamos com a gloria da terra... O meu nome atroava o universo; a minha fama dominava todas as eminencias como o vôo d'essa aguia que vimos desapparecer no sul... porém nunca subiu até ao ceo tão alto como ella.

— Oh Carlos! quão grande sois n'este momento aos olhos da Eterna Sabedoria!

Carlos sorriu melancolicamente.

— Ninguem no mundo saberá nunca os motivos da minha reclusão. Mentirá a historia mais uma vez, e eu tornarei a ser pó como aquella que me deixou para sempre... Lembras-te de Isabel?

Francisco empallideceu ao ouvir este nome.

No entretanto, Carlos murmurava já outro no fun-

do do coração, como retumba alterado no silencio do coração, como retumba alterado no silencio de uma gruta o ecco das queixas lançadas do valle...

— Era sexta-feira santa — proseguiu Carlos como se fallára só. Saíra victorioso da Italia, e acabava de perder Argel. Passava por uma rua de cyprestes do mosteiro da Melhorada. Creio que Deus me appareceu n'aquelle dia como a S. Paulo, dizendo-me: *Carole! qui me persequeris?* Jejuei até á noite, e chorei... Quando tornei ao meu alojamento, ainda sentia a mão de Deus no meu coração, que desde aquella epocha bate tranquillo. Formára a resolução de retirar-me a um convento.

N'este instante deram doze horas nos cinco relogios que haviam na cella; as pendulas soaram a um tempo com pasmosa regularidade.

Apesar d'isso, Carlos olhou para os mostradores com um gesto de desgosto.

— Nunca, — disse elle, os porei de perfeito accôrdo! Assim vão as coisas dos homens. Sentemo-nos, Francisco, e dize-me qual é o fim da tua visita. Fallemos de ti. D'onde vens?

— De Roma.

— Que te disse o santo padre?

— Tornei a recusar o capello, porém alcancei de sua santidade quanto desejava em favor da companhia. Se Deus ajudar os nossos herdeiros, teremos obtido o que vós inutilmente intentastes.

— O que foi?

— Pôr de accôrdo duas coisas: o ceo com a terra! Loyola será canonisado.

— E tu tambem, Francisco.

— Eu, não... *Fui, senhor, grande peccador na mocidade, e dei muito mau exemplo ao mundo com a minha vida* [1]; e se venho de tão longe para vos fallar, é porque necessito que me perdoeis a fim de tranquillisar a minha consciencia.

E o padre ajoelhou-se humildemente aos pés do cavalleiro.

Este levantou-o, recebeu-o nos braços e disse-lhe com doçura:

— Falla, Francisco; no claustro perdôa-se tudo, porque tudo se comprehende. Assim me perdôe Deus erros meus, que nem eu sei comprehender.

E o nome que resoava no seu coração chegou a estremecer-lhe os labios, que todavia não o pronunciaram.

Francisco fallou do modo que váe ler-se.

II

— Sabeis, senhor, a historia da minha desacertada mocidade. Primogenito de uma das mais principaes casas de Hespanha, e neto, como vós, de Fernando V o catholico: criado na corte ao lado de vossa augusta irmã Catharina, como seu pagem de honra; favorecido pela sorte, vencedor nos combates; bem olhado das damas; o meu orgulho augmentou com os annos e a tal ponto, que quando apenas tinha uso de razão, na edade de dezeseis annos... insensato! tinha-me esquecido de Deus.

A vida da terra offerecia-se-me tão agradavel e tentadora, que reduzi a ella as vistas do meu espirito; mas em breve cheguei á vaidade e amargura dos prazeres mundanos, e achei-me sem ceo nem terra, perdido no pelago de meus desenganos, joven e robusto como o primeiro homem, porém mais desgraçado que elle, porque perdêra dois paraisos, o terreal e o eterno, sem que me ficassem para consolo o trabalho, a ignorancia, a curiosidade, ou uma companheira do coração. A minha tristeza não tinha limites. A minha alma pedia-me alimento, e eu não tinha alimento que dar-lhe.

O ocio, o aborrecimento, e a duvida, corroeram-me as fibras do coração, que me ficou solitario e orphão no meio do peito como uma ilha deserta no meio do Oceano.

Nascido o amor e a caridade, sem fim a que consagrar a minha ternura, não bastante desgraçado para conhecer que só em Deus podia encontrar o descanço e o alimento do meu espirito, procurava em vão pela terra alguma coisa digna do meu amor, do meu respeito, da minha fé, da minha religião... Perdoae-me, Cesar... tudo isto encontrei em vossa esposa!

Carlos enrugou a fronte ao ouvir estas palavras.

O jesuita baixou o rosto e beijou a mão do cavalleiro.

— Continuae, padre — disse Carlos com a voz alterada.

— Que penosa confissão... e como a necessitava a minha consciencia! Porém, tranquillisae-vos, senhor... A imperatriz ouve-nos do ceo.

Carlos V suspirou; passou a mão pela fronte, e depois levou-a aos labios como para apagar uma pergunta. Porém, a final, aquelle caracter impetuoso não podendo conter-se por mais tempo, soltou estas palavras entrecortadas e terriveis:

— Que sabeis de minha irmã Margarida?

Francisco de Borja, que assim era o nome do jesuita, olhou fitamente o imperador sem conseguir abater-lhe as palpebras.

— Senhor, — exclamou em seguida — pergunta-o vossa magestade ao confessor ou ao homem?

— Duque, não te formalises! — murmurou o imperador sorrindo-se e deixando ver a bocca desdentada. — Conta-me, conta-me tudo, que me parece curioso. Tiveste paixão por minha esposa! Ora essa!... Prendemos um rei de França e um pontifice de Roma! A captura de um jesuita não seria, pois, difficil... E que me dizes de D. Philippe, que é o nosso augusto successor? Saberás que sou seu vassallo e lhe dirijo memoriaes... É um homem completo... que não quer a seu pae Carlos V, imperador dos dois mundos! Oh!... o meu Philippe será grande rei... principalmente para vós. Não me atreveria a tanto! Eis que bate a uma hora... Vou dar corda aos relogios.

Disse, levantou-se, e deixando attonito o padre Francisco.

Indubitavelmente, o imperador havia sentido o ferrão dos zelos.

Assim o comprehendeu o jesuita, que para reduzir de novo á seriedade aquella aguia ferida, atacou a sua vaidade pela mansidão de que fazia tão ostensiva vangloria.

— Irmão Carlos, — murmurou tristemente, — vim em cata do vosso indulto. Pensae que sois christão.

O imperador guardou silencio; acertou os relogios com muito cuidado, e tornou a sentar-se, grave e magestoso, como se estivesse perante a *dieta*.

— Falla, irmão Francisco, — disse.

(Continúa)

[1] Palavras textuaes da vida de S. Francisco de Borja.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

No dia 7 tornou o principe ao paço com a nobreza, que ainda continuou a ser senhor d'elle. O rei pareceu a principio admirado e turbado; mas o irmão não fez mais que comprimental-o, e pedir-lhe novas da sua saude, indo depois á rainha. Seguiu-o o rei, mas D. Pedro retirou-se dos aposentos da cunhada pouco depois que D. Affonso entrou n'elles.

O primogenito de D. João IV estava n'esta occasião de má catadura, e mostrou-se zangado com a rainha.

O infante parecia desgostoso e pensativo, como quem tinha no espirito coisa que o preoccupava. Pedindo-lhe os soldados de quatro regimentos de infanteria, que estavam na capital, uma gratificação, mandou dar quinhentos mil réis a cada regimento, com o que o rei se despeitou muito, mostrando grande resentimento. Fallando n'isto a alguns conselheiros, d'entre estes o marquez de Sande o apaziguou, desculpando o principe com o pedido e importunação dos soldados, mandando ao mesmo tempo dizer ao infante, que não lhe parecia a proposito fazer liberalidades taes, nem ir ao paço com grande sequito, sem necessidade. O mesmo conselho deram outros, e D. Pedro o seguiu.

D. Affonso e a rainha tiveram n'este dia larga conferencia. Fallando de muitas coisas, entre outras disse o rei:

— «Vejo muita gente empenhada em governar, mas em quanto viver só eu governarei, que não é bastante que qualquer o pretenda. Querem-me dar por secretario d'estado Pedro Vieira, ou Pedro Fernandes Monteiro, não acceitarei nem um nem outro.»

Continuando, pediu á rainha que não apresentasse no primeiro conselho a sua queixa contra Antonio de Sousa, porque a apresentaria em qualquer outro tempo. Dizia que essa queixa serviria de pretexto aos maus designios do infante, que se dera por ditoso em cobrir-se com o nome da soberana, para insultar seu irmão e seu rei, como fizera.

— «Não posso impedir (replicou a rainha) que o principe lance mão do que quizer para lhe servir de pretexto.»

— «Bem sei (disse o rei), mas cuidava que tinheis sabido com anticipação, quanto D. Pedro devia fazer, visto que lá apparecestes.»

— «Se lá fui, (tornou ella) foi porque D. Verissimo de Alemcastro, sumilher da cortina de V. M. me veiu dar grandes alarmas, e pedir da parte de toda a nobreza do reino, que acudisse. D. João de Sousa, e todas as damas com lagrimas nos olhos, pediam o mesmo. Uma boa intenção como esta não merecia quanto o rei me disse em tal occasião.»

— «Fiz e disse muitas coisas pouco a proposito n'essa occasião, e contra o respeito que vos devia; mas deveis desculpar-me. Estava fóra de mim: não sabia o que fazia: peço-vos d'isso perdão.»

— «V. M. (continuou a rainha) deve lembrar-se que eu estava tão longe de concorrer para o designio do principe, que pela manhã permittíra e promettêra ao marquez de Marialva, differir a queixa que começára contra Antonio de Sousa.»

— «Se alguem (atalhou D. Affonso), fosse quem fosse, afóra a rainha e o infante, ousasse tanto, que se atrevesse a dizer a menor palavra contra Antonio de Sousa, ou Manuel Antunes, eu acharia pretexto para o attrahir á minha camara, e o mataria pelas minhas proprias mãos.»

Grande era o resentimento, grande a animosidade que o rei continuava a mostrar contra o principe, de quem dizia toda a casta de mal. Instou ainda com a rainha para que perdoasse ao secretario. A resposta foi, como das outras vezes, em termos geraes.

— «V. M. é senhor de fazer o que quizer!» (era sempre a conclusão da rainha).

— «Castello-melhor pede-me (continuou Affonso, mudando de assumpto) que vos veja, que passe a noite frequentemente em vossa companhia, e que trate bem o principe. Hei de responder-lhe, perguntando-lhe porque se intromette n'isto.»

A despeito da defesa que a rainha fez do marquez de Sande, o rei continuou a dizer mal d'elle.

No sabbado, 8, soube o padre de Villes, por bom canal, e communicou-o a Saint-Romain, que na noite de 5 para 6, o rei quizera sair de Lisboa e retirar-se para Entre-Douro-e-Minho, provincia governada pelo conde do Prado, dizendo que se envergonhava de apparecer, depois do que lhe tinham feito. Tudo o que Lourenço de Sousa e outras pessoas de qualidade, lhe disseram para o dissuadir, não fizera n'elle a menor impressão, e continuaria obstinado, se um dos seus valentões lhe não dissesse ao ouvido uma palavra que ninguem percebeu. Depois d'isto não fallou mais em retirar-se.

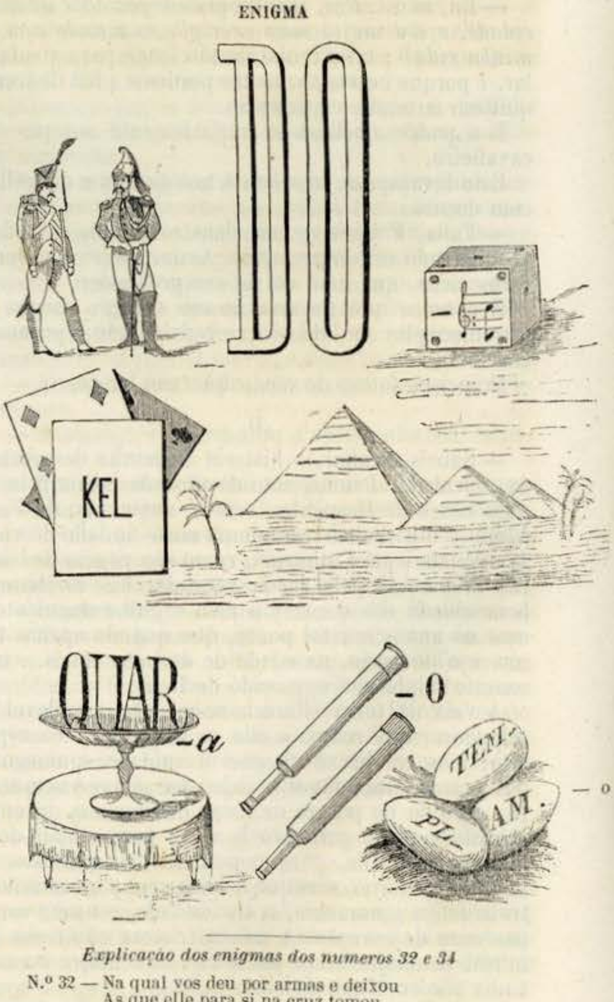
No domingo, 9, foi D. Pedro ao paço, acompanhado simplesmente dos seus criados, e ouviu missa com o rei. Depois do jantar um e outro saíram a passeio fóra da cidade, mas cada um por seu lado.

Ruy de Moura Telles, que ainda não saía de casa, disse em confidencia a um de seus amigos, que o rei, quando lhe pedia conselho, lhe chamava fraco, se elle não ia com a sua opinião, acreditando mais na canalha dos valentões que lhe enchiam a camara, que nos conselheiros de estado.

Á noite, quando Salvador Corrêa se retirava, atacaram-lhe a liteira em que ia com Ruy Fernandes d'Almada. Metteram-lhe muito medo, mas fizeram-lhes pouco mal. O negocio era só com Salvador Corrêa. Advertiram-n'o de que não devia desprezar as ordens do infante, depois de lh'as ter pedido, e se lhe ter submettido. Entendeu-o bem e retirou-se logo, com sua permissão, a uma pequena casa, que construira dentro do recinto dos jesuitas a S. Roque.

(Continua) JOSÉ DE TORRES

ENIGMA



Explicação dos enigmas dos numeros 32 e 34

N.º 32 — Na qual vos deu por armas e deixou
As que elle para si na cruz tomou.

N.º 34 — Vim, vi, e venci.

Das charadas dos n.os 33 e 35 — N.º 33, Felicidade — N.º 35, Ermo.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.